

ESTRATÉGIAS E POLÍTICAS DE TERRORISMO

Capitão-de-Mar-e-Guerra Wilson Pereira de Lima Filho

O Capitão-de-Mar-e-Guerra Wilson Pereira de Lima Filho foi aluno da Naval War College em 2005/2006, ocasião em que escreveu este artigo. Após, na Escola de Guerra Naval, foi Encarregado da Área de Estudo III – Política e Estratégia - e, atualmente, é o Capitão dos Portos do Rio de Janeiro.

INTRODUÇÃO

Ao estudarmos a história recente podemos observar que o terrorismo vem trabalhando de maneiras diferentes, dependendo da época e do ambiente. Ele tem sido usado como instrumento, principalmente, por pequenos grupos e atores que não representam estados agindo contra um governo estabelecido no intuito de “libertar” o povo, resolver diferenças religiosas, problemas sociais, ou com o objetivo de alcançar mudanças políticas radicais. A conquista da liberdade é uma questão complexa demais para ser definida já que a cultura e a história exercem grande influência nesse conceito. A liberdade pode ser interpretada de formas diferentes dependendo do local do mundo onde estivermos. O significado da liberdade no Ocidente pode não ser entendido como tal no Oriente, por exemplo. De um modo geral, a liberdade é a “bandeira” dos terroristas.

A palavra terrorismo vem da expressão “*regime de la terreur*”, que prevaleceu na França entre 1793-1794. Originalmente, era um instrumento do estado já que esse regime foi elaborado para reforçar o poder do governo revolucionário e protegê-lo dos elementos considerados subversivos (<http://www.cdi.org>). Como consta de todos os livros que tratam deste assunto, o terrorismo é muito difícil de ser definido, pois pode surgir de diferentes modos. Não obstante, vou apresentar uma definição que, em minha opinião, melhor sintetiza o que é o terrorismo: “um ato simbólico que tem como objetivo influenciar o comportamento político ou social através de meios que fogem ao normal e que implicam no uso de ameaça ou violência” (Perry Thornton, página 71). Gostaria de enfatizar a prevalência da violência como uma característica do terrorismo.

Primeiramente, farei algumas considerações sobre o terrorismo como uma estratégia para alcançar um objetivo político, enfatizando as

atividades terroristas conduzidas pelos antigos grupos IRA¹, SL², FLN³, OAS⁴ e pelo terrorismo revolucionário na Rússia. Usando experiências históricas selecionadas desses conflitos, apresentarei os principais aspectos que podem levar uma estratégia terrorista ao fracasso. Estudarei os casos de sucesso, além dos de fracasso, para poder identificar os fatores que influenciaram no triunfo desses grupos. Desse modo, poderemos traçar os mapas para o fracasso no caso de algumas dessas condições não serem preenchidas.

DISCUSSÃO

Antes de estabelecer os parâmetros possíveis para uma estratégia de fracasso, é importante ressaltar que a facção que escolher o terrorismo deve estar ciente das habilidades, fraquezas e riscos intrínsecos a essa estratégia, já que o terrorismo deve ser o último recurso possível, quando não restarem outros meios de se atingir as metas da organização (Martha Crenshaw, páginas 11/12).

No Peru, Abimael Guzman⁵ estabeleceu um interessante plano estratégico de longo prazo com três etapas bem definidas, de acordo com a teoria Maoísta da guerra revolucionária: agitação e propaganda, estabelecimento de bases sociais e materiais e luta armada. (Thomas Marks, páginas 254 e 255). A organização e o planejamento eram alguns dos pontos fortes do movimento, ao mesmo tempo em que a centralização do poder nas mãos de um único líder foi uma das razões dos resultados malsucedidos do SL. Quando o líder Abimael foi preso, a organização ruiu. A escolha do nível de centralização adequado para um grupo terrorista é um assunto muito complexo; vai depender do grau de comprometimento e de capacitação de seus componentes, do número de guerrilheiros, do plano estratégico e da geografia da área de operação. Podemos garantir que o SL não teve êxito, já que não conseguiu alcançar sua meta de estabelecer uma República Popular do Peru; por outro lado, a revolução durou mais de dez anos e teve graves conseqüências no país e no povo. Ainda assim, o SL é um dos alicerces das atividades terroristas na América Latina.

Um ponto interessante é que, até a década de 1990, pode-se observar apenas o surgimento de grupos terroristas internos ou regionais como, por exemplo, no Peru, na Argélia, na Irlanda e no Oriente Médio. O componente tecnológico incluído por Michael Handel⁶ na trindade Clausewitziana

¹ Irish Republic Army

² Sendero Luminoso, a mais perigosa organização terrorista do Peru.

³ Front de Libération Nationale (Guerra da Argélia)

⁴ Organisation de l'Armée Secrète, organização terrorista que se opôs à independência da Argélia

⁵ Líder do Sendero Luminoso

⁶ Michael Handel, no seu livro *Masters of War*, sugere um quarto elemento para a trindade Clausewitziana da natureza da guerra (o povo, os militares e o governo). Esse quarto elemento seria a tecnologia.

influenciou muito a mudança na natureza da guerra terrorista. A Internet, a mídia ao vivo, satélites e outros instrumentos do novo mundo globalizado fizeram com que o terrorismo se tornasse transnacional (Professor Walling, notas pré-tutoriais). O estrategema dos terroristas é executar atos de crueldade que chamem a atenção da população local, do governo e do mundo para sua causa. Os terroristas planejam seus ataques de modo a obter máximo de publicidade e escolhendo alvos que sinalizem aquilo pelo qual lutam.

Quando o Governo usa seu poder legítimo matando gente inocente e espalhando o medo entre as pessoas para alcançar seus objetivos, essa maneira de proceder também é considerada terrorismo. Por exemplo, em 1945, as forças regulares francesas bombardearam vilarejos argelinos na área de Sétif, causando a morte de milhares de argelinos. Esse tipo de terrorismo “oficial” estava fadado ao fracasso, pois provocou um sentimento de revanche e de nacionalismo entre o povo argelino. (Martha Crenshaw, página 482).

O governo francês enfrentou um problema complexo na Guerra da Argélia. Os franceses não podiam confiar em seus militares e havia profundas diferenças religiosas e culturais entre muçulmanos e europeus. O problema assumiu proporções maiores devido às ações das duas principais organizações terroristas concorrentes: FLN (nacionalista) e OAS (extrema direita). Ao analisarmos os procedimentos da OAS podemos identificar alguns dos aspectos que explicam seu fracasso, sobretudo falta de apoio popular, organização inadequada e falta de comprometimento com setores da população argelina. (Marta Crenshaw, páginas 502 a 506). Os franceses não dosaram o uso da força contra civis, chegando a autorizar publicamente o uso da tortura. Isso contribuiu para acabar com sua popularidade e favorecer o movimento nacionalista.

Por outro lado, o povo argelino costumava ver o FLN como um movimento nacionalista que lutava pela liberdade. Isso rendeu ao movimento bastante apoio popular e seus atos terroristas exerceram um grande impacto na opinião pública internacional. O nacionalismo foi decisivo no apoio que os muçulmanos de Argel deram ao FLN e foi um resultado da repressão francesa. Além disso, a malograda estratégia do OAS favoreceu o FLN que acabou como um possível parceiro do governo francês contra o OAS; a independência argelina seria a solução para os problemas que a França estava enfrentando na Argélia. (Martha Crenshaw, páginas 508 a 511).

Quando pensamos no IRA, vemos um grupo terrorista que tinha o apoio popular e a simpatia internacional; uma estrutura organizacional muito boa e objetivos muito bem definidos e limitados. A estratégia britânica de contra-terrorismo se baseava na destruição, na tortura e no homicídio, na matança de centenas de civis desarmados. Todos os esforços para esmagar o IRA eram frustrados devido à excelente rede de inteligência estabelecida pelo líder do IRA, Michael Collins (Robert Kee, páginas 646 a 650). Esse comportamento teve um papel benéfico para o IRA à medida que a causa terrorista conquistava a simpatia da população irlandesa e a opinião pública.

O SR Russo⁷, por sua vez, tinha alguns aspectos que certamente levaram ao seu fracasso. Notamos uma deficiência de planos estratégicos bem definidos e objetivos sem limite. As células terroristas não tinham instruções precisas do que deveriam fazer; agiam quase que como grupos independentes sem uma coordenação superior. Após o período de ativação, essas células costumavam roubar dinheiro, propriedades, comida, objetos de valor das pessoas, sempre sob a bandeira da causa revolucionária, mas muitas vezes sem a permissão do comitê central. Apesar da boa liderança de Gershuni e Savinkok, a descentralização, as divergências internas e a falta de controle levaram o grupo ao malogro. (Anna Geifman, páginas 74 a 76).

Quando tentamos identificar os fatores que podem levar um grupo terrorista ao fracasso, nos vemos diante de uma situação muito complexa; no entanto, é claro que os principais pontos são o planejamento e a organização. Podemos observar que um grupo terrorista que não conte com um plano estratégico bem construído somado a uma organização eficiente do ponto de vista administrativo, logístico e operacional e com o nível adequado de descentralização está fadado a falhar. Outra questão importante é a definição dos objetivos/metast. Caso estes não estejam bem definidos e limitados, será difícil atingir o sucesso. Os grupos com inúmeros e ilimitados objetivos e que mudam suas metas a todo tempo têm grande probabilidade de falhar.

A liderança tem igual importância. A ausência de um líder estratégico, no momento adequado, é crucial. Esse líder deve ser dotado de uma visão prospectiva da arena internacional e das questões internas do país e ser capaz de identificar os pontos fracos de modo a definir os alvos certos. Entretanto, a centralização total do poder é perigosa e pode tornar-se uma fraqueza, conforme já observamos anteriormente nos comentários sobre Abimael Guzman e o SL.

Alguns aspectos que podem levar o terrorismo ao fracasso são variáveis independentes; estou falando sobre as características do alvo. Se o povo do país almejado pelo grupo terrorista estiver satisfeito e orgulhoso de seu país, será muito difícil conquistar seu coração e sua mente. Um bom governo é um dos grandes obstáculos para a vitória de um grupo terrorista. O povo não vai querer mudanças, já que está bem. A cada ataque terrorista, o povo ficará mais unido e consciente de que deve lutar para defender o *status quo*.

Outro ponto importante é o apoio popular. Podemos observar que a maioria das organizações terroristas, e até mesmo os Governos, que não conquistaram o apoio popular fracassaram. Para se movimentar pelo terreno é essencial ter alguém que esconda os elementos e ofereça algum tipo de

⁷ SR – o Partido dos Revolucionários Socialistas era uma organização terrorista que, apesar de não ter tido êxito, conseguiu plantar a semente da Revolução Russa.

apoio logístico e informação. Esse aspecto está relacionado a outro: a opinião pública, como acontece às vezes, quando o povo não dá apoio, mas concorda com a causa e aceita a atividade terrorista como uma boa forma de melhorar a situação real de sua sociedade.

Outro fator fundamental, que pode conter uma conotação tática, mas tem sérias implicações no nível estratégico, é a seleção de alvos. Se os terroristas matam pessoas inocentes em seu próprio país, irão angariar o ódio do povo e terão baixa probabilidade de sucesso. No entanto, se fizerem o mesmo com pessoas de outra religião ou crença política, os impactos poderão afetar apenas a opinião pública internacional. A gradação da violência e a maneira como o grupo trata seu capital humano, principalmente a porção mais necessitada, é fundamental. O derramamento exagerado e desnecessário do sangue dos inocentes e o maltrato da população nativa são uma receita de fracasso. O desafio é espalhar o medo sem matar pessoas cujas mortes afetariam a comunidade.

Na verdade, um grupo terrorista precisa de recursos para desenvolver suas operações e cabe ao líder escolher a melhor maneira de fazê-lo. Há diversas opções. Tentarei apontar algumas delas: o apoio internacional, atos criminosos (ex. assaltos a bancos, chantagens, ataques, seqüestros e tráfico de drogas), a corrupção de membros do governo, o apoio de empresas (ou pessoas) com recursos e que não gostam do alvo ou que simpatizam com a causa. Sem dinheiro, não há sucesso!

Além disso, observamos que as organizações que conseguiram negociar com estados obtiveram sucesso total ou parcial (por exemplo, FLN e IRA⁸) e, também, legitimidade no momento em que os terroristas e os representantes do Estado se sentaram à mesa de negociações.

A Inteligência é de suprema importância para o êxito de qualquer operação militar, até mesmo as terroristas, como pudemos constatar com o sucesso do IRA. O grupo precisa montar uma rede eficiente de agentes nas áreas de interesse, tentando infiltrar e recrutar espões dentro do governo alvo. Sem a inteligência as chances de êxito são muito poucas.

CONCLUSÃO

A história do terrorismo é um desenrolar de atividades violentas. Estas podem ser incluídas em um *continuum* que vai desde as atividades malogradas até as de total êxito. Às vezes fica difícil determinar se um grupo teve sucesso ou não. Não é um jogo de certo ou errado; algumas organizações obtêm um sucesso parcial durante algum tempo. Esses grupos podem não ter vencido a guerra, mas certamente ganharam algumas batalhas.

⁸ Robert Kee, in "The Green Flag", pages 573 to 581.

A seguir, como conclusão, apresentarei um mapa do caminho para o colapso terrorista. Não é uma receita de fracasso; antes, mostra os principais pontos para os quais os terroristas devem atentar; estes seriam os calcanhares de Aquiles e poderiam contribuir para a destruição da organização:

1 – Organização deficiente, inclusive no que diz respeito à falta de uma estrutura operacional, logística e administrativa eficiente. Metas e objetivos indeterminados e ilimitados;

2 – Plano estratégico imperfeito, sem ações concretas para conquistar os corações e as mentes na defesa da causa da organização e sem respeitar a importância da propaganda e das operações psicológicas;

3 – Ausência de uma liderança eficaz, sem uma descentralização de poder adequada e coordenada;

4 – Intensificação das atividades terroristas sem o apoio popular e com um pequeno contingente de guerrilheiros que não estão totalmente comprometidos com a causa;

5 – A luta contra um país com um Bom Governo, cuja sociedade tem um bom padrão de vida e está satisfeita com o status quo;

6 – Não considerar a inteligência como sendo de importância vital, principalmente dentro das forças inimigas;

7 – Travar uma guerra sem ter um plano concreto para a obtenção de apoio financeiro;

8 – Matar pessoas inocentes desnecessariamente, sem fazer a relação entre os alvos e vítimas e as metas da organização. Não dar atenção à dose de violência nos ataques terroristas;

9 – Tratar mal os guerrilheiros e simpatizantes da causa;

10 – Não dar atenção à importância da opinião pública internacional;

11 – Ignorar o uso dos meios da Tecnologia da Informática, inclusive a internet e o terrorismo cibernético⁹.

12 – Desconsiderar a possibilidade de negociação com o inimigo (ator estatal) para ganhar legitimidade como ator não estatal.

⁹ Ataques a computadores através de vírus e outros meios cibernéticos que destroem a infraestrutura de informações. Jonathan White, no livro "Terrorism, an introduction", página 7.